VERBOS "*TRANSITIVOS*" *ESTAR* E *IR* E SEUS COMPLEMENTOS EXCEPCIONAIS.

Raquel dos Santos Nery (UCP)
quelnery@gmail.com
Vinicius Statzner Stumpf (UCP)
vstatzner@yahoo.com.br

RESUMO

Neste estudo, em primeiro lugar, verifica-se o conceito de algumas gramáticas, incluídos os verbos *estar* e *ir* e seus complementos – os chamados adjuntos adverbiais – como intransitivos e termos acessórios, respectivamente. E em segundo plano, é demonstrado o parecer de alunos dos ensinos fundamental e médio, através de uma pesquisa de campo, onde se realiza um questionário com algumas perguntas sobre os verbos e complementos em questão. Dessa forma, mostra-se como, na prática, os alunos, tanto de instituição pública quanto de particular, entendem e classificam os verbos pesquisados, se há necessidade de um complemento e se realmente esse complemento pode ser chamado *termo acessório*. O resultado mostra que o tema apresentado carece ser analisado com mais atenção e desvelo, para que os falantes da língua portuguesa possam seguir às normas com clareza e sem a presença de qualquer dúvida ou confusão.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Verbo intransitivo. E*star. Ir.* Termos acessórios.

1. Introdução

Este estudo tem a finalidade de analisar os verbos *estar* e *ir* e seus complementos, classificados, por muitas gramáticas, como intransitivos e adjuntos adverbiais respectivamente, constatando se há uma clara assimilação por discentes de diferentes níveis e redes de ensino. As gramáticas, juntamente com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), por sua vez, não apresentam uma classificação plausível e coerente quanto a esses verbos e complementos. Desse modo, questiona-se neste trabalho: a forma que as gramáticas referem-se aos verbos citados gera dificuldades

no processo ensino/aprendizagem? E mais: seus complementos podem ser, realmente, considerados termos acessórios em uma oração? E o principal, os verbos *estar* e *ir*, são, de fato, sempre intransitivos? Como a língua portuguesa é um idioma oficial do Brasil, é imposta uma norma que deve ser seguida e obedecida pelo falante da língua em questão. Assim, para se escrever algum texto ou falar formalmente, o brasileiro necessita estudar, questionar e criticar qualquer tema julgado por ele relevante. O assunto abordado merece ser tratado com mais atenção e, através da pesquisa de campo, com o método indutivo/analítico, ver-se-á se realmente há dificuldades, por parte dos discentes, ao classificar determinados itens, conforme as gramáticas e NGB os nomeiam.

A pesquisa é dividida em três capítulos, que vai do número 2 ao 4. O capítulo 2 inicia-se com a definição e explanação dos verbos intransitivos em geral, os verbos *estar* e *ir*, os termos acessórios e o adjunto adverbial. Nesse capítulo, são feitas várias citações de diversas gramáticas, mostrando como elas classificam os verbos propostos e seus complementos. Essa breve explicação oferece para o leitor uma rápida introdução ao tema pesquisado, concedendo-lhe um pequeno conhecimento sobre o assunto, pelo parecer das gramáticas.

O terceiro capítulo refere-se à exposição da pesquisa de campo. É feita uma apresentação detalhada e minuciosa de gráficos e tabelas, contendo respostas e pareceres dos alunos pesquisados. O intuito dessa pesquisa de campo é mostrar, na prática, se os discentes possuem dúvidas sobre o que as gramáticas expõem acerca do tema. Se os alunos apresentarem certa dificuldade ao classificar os verbos e explicar suas respostas, comprova-se, então, que as gramáticas, juntamente com a NGB, são falhas e carecem de maior atenção, avaliação e revisão.

O capítulo 4 contém as considerações finais, baseadas nos resultados apresentados da pesquisa de campo e das citações das gramáticas.

Além da pesquisa feita com alunos, algumas gramáticas, dicionários e livros didáticos foram consultados e analisados. As gramáticas de Celso Cunha, Evanildo Bechara e Rocha Lima foram as mais utilizadas. Celso Cunha é correto e fiel à NGB e Bechara, um autor atual, é "mais moderno"[13] ao nomear os termos. Embora Rocha Lima, além de Celso

[13] Entende-se por mais moderno o fato de Evanildo Bechara criar novos termos diferentemente dos da NGB. Veja o exemplo: "*Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* [...] ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*." (BECHARA, 2009, p. 412).

Cunha, tenha assinado a NGB, concordando com as normas estabelecidas, sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* é uma exceção, e foi a que mais se destacou, dentre as três, já que ela apresenta certa coerência ao classificar e dividir a sintaxe e ordenar os itens pesquisados de forma clara e fácil de serem entendidos.

2. Verbos intransitivos e termos acessórios

2.1. Verbos intransitivos

Conforme a gramática tradicional aponta, verbo intransitivo é aquele que não transita, ou seja, não é necessário que o verbo possua algum complemento para que a oração tenha sentido completo. Segue um exemplo:

> **Sobe** a névoa... A sombra **desce...**
>
> Verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo. (CUNHA, 1985, p. 132)

Para que se entenda mais perfeitamente o que foi exposto, definir-se-á, através de dicionários, a palavra *transitivo*. Ela vem do latim *transitivus*. Aurélio Ferreira, em seu minidicionário (1993, p. 543) define: "Diz-se de verbo que exprime a ação que passa ou transita do sujeito a um objeto direto ou indireto.". Entende-se, então, que verbo *intransitivo* é aquele que não transita entre sujeito e objeto, logo o verbo não necessita de algum termo que o complemente.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) (LUFT, 2004, p. 30), na terceira parte (sintaxe), item B; subitem 1; letra d, a predicação verbal é classificada por três tipos de verbos: verbo de ligação; verbo transitivo (direto e indireto); verbo intransitivo.

2.1.1. Estar e ir

O verbo *estar*, de acordo com a maior parte dos gramáticos, pode ser de ligação ou intransitivo. Quando ele apenas liga um termo que se refere ao sujeito é considerado verbo de ligação, por exemplo: "Ana Carolina está triste." Quando o verbo *estar* pede um complemento, ou seja, um adjunto adverbial, ele é intransitivo: "Ana Carolina está *na escola*".

O verbo *ir* também é apontado como intransitivo por diversas gramáticas tradicionais. Elas, em geral, obedecem à classificação da NGB, apenas algumas fazem uma breve observação sobre a existência de exceções em determinados verbos, incluindo o *estar* e o *ir*. Segue abaixo uma pequena alusão sobre essa questão. O verbo *ir* é apresentado como uma categoria especial de verbos intransitivos:

> Há verbos intransitivos que exigem adjuntos adverbiais para constituir o predicado [...] **Vou** (v.i.) para João Pessoa (adj. adv.).
>
> Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), tais verbos são chamados intransitivos por não exigirem complementos verbais (objeto direto ou indireto). Melhor seria chamá-los transitivos circunstanciais [...] (TERRA, 2002, p. 234).

Os verbos *estar* e *ir*, embora estejam enquadrados como intransitivos, necessitam de complemento, como já foi apresentado acima. Eles exigem um termo que auxilia no entendimento da oração, normalmente, o adjunto adverbial (geralmente de lugar) ocupa-se dessa função.

Carlos Henrique da Rocha Lima (2010, p. 416), antes de classificar os verbos, explica: "O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicado incompreensível, por omisso ou incompleto". A citação acima ratifica a ideia proposta. As formas soltas, "Pedro está" ou "Pedro vai", por exemplo, são incompletas, quando não há algum termo subentendido anteriormente, como em um diálogo entre duas ou mais pessoas. A citação abaixo deixa bem claro que:

> [...] existem certos verbos intransitivos que, geralmente, aparecem modificados por adjuntos adverbiais e dão a nítida impressão de serem transitivos indiretos, porque também exigem preposição. [...]
>
> Vamos ver isso em exemplos:
>
> – Martinha *está* em São Paulo.
>
> Façamos a pergunta: Martinha está *onde*?
>
> A resposta: *em São Paulo* (O verbo *está* é intransitivo e *em São Paulo* é adjunto adverbial.)
>
> – Martinha *foi* a São Paulo.
>
> Façamos a pergunta: Martinha foi *aonde*?
>
> A resposta: *a São Paulo* (O verbo *foi* é intransitivo e *a São Paulo* é adjunto adverbial.)
>
> [...]

> Veja como de fato eles [certos verbos intransitivos] pedem um adjunto adverbial: quem está, está em *algum lugar;* quem vai, vai a *algum lugar* [...] (SACCONI, 1974, p. 188)

A afirmação de Sacconi demonstra, mais uma vez, que os verbos *estar* e *ir* precisam de complemento. O autor enfatiza também uma questão muito importante, quando demonstra que esses verbos podem ser confundidos com os transitivos indiretos, por demonstrarem certa semelhança entre seus complementos. Nesta pesquisa, pretende-se mostrar que os verbos *estar* e *ir* podem gerar grande confusão por muitos discentes dos ensinos médio e fundamental.

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* de Rocha Lima (2010, p. 416) não segue, totalmente, a orientação da NGB. O autor duplica a quantidade de tipos de verbos. Para ele, os verbos não se classificam em três, mas em seis, que são os verbos: *intransitivos*, *transitivos diretos*, *transitivos indiretos*, *transitivos relativos*, *bitransitivos* e *transitivos circunstanciais*. Ele ainda define e dá uma atenção aos verbos especiais. O autor chama-os de *transitivos circunstanciais*: "[...] que requerem um complemento, preposicional ou não, chamado *circunstancial*". (LIMA, 2010, p. 416)

O termo *circunstancial* será mais bem explanado, de acordo com Rocha Lima nos próximos subitens.

2.1.2. Termos acessórios

Primeiramente, para que fique mais bem esclarecido o que se pretende expor, faz-se necessário usar as palavras de Aurélio para definir *acessório*: "[Do lat. a*cessus* (v. acessivo) + -ório]. **Adj. 1.** Que não é fundamental; secundário. **2.** Que se acrescenta a uma coisa, sem fazer parte integrante dela; suplementar, adicional: *termos* <u>*acessórios*</u> *de uma oração*". (FERREIRA, 1999, p. 30)

Em segunda instância, é importante expor o conceito de *termo acessório*, sob a visão dos gramáticos. A gramática normativa apresenta que o *termo acessório* não é, obrigatoriamente, imprescindível em uma oração. Ele é colocado na frase, muitas vezes, apenas para modificar o sentido já existente. Cunha (1985, p. 145) afirma: "Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação".

Os termos acessórios da oração são divididos em adjunto adnominal; adjunto adverbial; aposto. Dessa forma, o adjunto adverbial, um dos elementos a serem analisados nesta pesquisa, é considerado pela NGB (LUFT, 2004, p. 30) um termo acessório, como consta na terceira parte (sintaxe), item B; subitem 3.

2.1.3. Adjunto adverbial

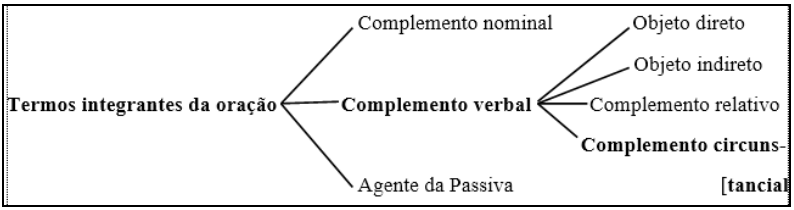
A gramática normativa segue a determinação da NGB quando faz referência aos termos acessórios da oração. Ambas não apontam observações quanto ao adjunto adverbial, que pode ser, em alguns casos, imprescindível na oração. Exemplo:

"Ana Maria estava *em casa*" (adjunto adverbial de lugar)

Como se pode entender, observa-se que é notória a predominância da semântica nas análises tradicionais de transitividade em geral, como diz Mário Perini (2006, p. 168): "[...] a ideia tradicional de transitividade é predominantemente semântica". Logo, na oração exemplificada acima com o verbo *estar*, se for retirado o termo *em casa*, o sentido da oração não se completa, não há como alguém afirmar que "Ana Maria estava", sem depois ou antes ter mencionado um termo que informe e complete o significado do verbo na oração. A partir dessa observação, a frase acima exemplifica que, a presença do adjunto adverbial, em certos casos, é imprescindível para que haja entendimento na comunicação da língua portuguesa.

Assim, subtende-se que o adjunto adverbial, nessa circunstância, é um complemento verbal. Portanto a NGB e as gramáticas tradicionais em grande maioria ressaltam que o complemento verbal faz parte do quadro de termos integrantes da oração e o adjunto adverbial continua enquadrando-se como termo acessório.

Rocha Lima é um dos gramáticos que revela a existência desses elementos que complementam os verbos *estar*, *ir* e outros, em certas situações. Como se pode ver logo abaixo, o autor expande a divisão dos complementos verbais em quatro, diferente da NGB, que os classifica em apenas dois (objeto direto e objeto indireto). A classificação e a divisão feita por Rocha Lima (2010, p. 296 e 299) dos termos integrantes de uma oração resumem-se no seguinte esquema:



O *complemento circunstancial* é definido como "complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais". (LIMA, 2010, p. 311)

Como se pode ver no esquema acima, Rocha Lima insere-os no mesmo grupo dos complementos verbais, já que eles são imprescindíveis para construir uma oração. Ele ainda acrescenta: "Irei a Roma. [...] Por seu valor de verbo de direção, *ir* exige, por assim dizer, a preposição *a* para ligá-lo ao termo locativo". (LIMA, 2010, p. 312)

Já Evanildo Bechara (2009, p. 412) chama o complemento circunstancial de *termo argumental* "[...] porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo [...]". Ele exemplifica com outro verbo, que também pode ser enquadrado no mesmo grupo que o *estar* e o *ir*, e o compara com um intransitivo:

> [...] uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não-argumental na oração (2):
>
> (1) Ele **mora** *no Brasil*.
>
> (2) Ele **trabalha** *no Brasil*
>
> Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*: *Ele mora.
>
> Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal: Ele trabalha. (BECHARA, 2009, p. 413, grifo nosso)

Conforme se pode ver, a explicação de Bechara mostra mais uma vez, que é necessário, nesses casos, um termo argumental ou complemento circunstancial para constituir a oração.

Um pouco mais adiante ele atesta, novamente, que não há um consenso de onde colocar o termo argumental:

> Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complemento relativo [objeto indireto]. Levando em conta, exclusivamente, o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais. (BECHARA, 2009, p. 421)

Bechara, na explicação acima, põe duas possibilidades a serem questionadas: se esse termo argumental pode ser considerado um complemento relativo (objeto indireto), já que os verbos *estar*, *ir* e outros exigem um complemento preposicionado ou se podem ser colocados como adjunto adverbial ou circunstancial, uma vez que determina um local, uma direção.

Assim, pode-se explicitar que os complementos (termo argumental, complemento relativo, adjunto adverbial ou circunstancial), juntamente aos verbos *estar*, *ir* entre outros, são considerados especiais. E é importante frisar que, atualmente, não há lugar para encaixá-los na maioria das gramáticas tradicionais e principalmente na NGB.

3. Pesquisa de campo

A pesquisa foi feita através de um questionário para 40 (quarenta) alunos, divididos igualmente para os Ensinos Fundamental e Médio, em duas escolas no município de Petrópolis – RJ, uma, pública, e outra, particular. A escolha de duas instituições diferentes foi, obviamente, proposital, para que os resultados comprovados sejam ainda mais diversos, verificando o conhecimento e a assimilação dos alunos e tornando a pesquisa ainda mais clara e completa.

Não serão divulgados os nomes das instituições e nem dos estudantes, pois o objetivo não é verificar a qualidade de ensino, mas o conhecimento e a compreensão dos discentes quando diz respeito às normas e às orientações da gramática da língua portuguesa pertinentes ao assunto específico.

As séries entrevistadas do ensino fundamental, na rede pública, foi o 9º ano e, na particular, o 8º. As séries escolhidas para os alunos do ensino médio, na escola pública, foi o 1º ano e, na particular, o 3º.

O questionário foi dividido em dois enunciados, sendo que o primeiro possui duas questões e o segundo, quatro, perfazendo um total de seis.

A primeira pergunta do questionário é: "*1) A oração abaixo está completa? Marque SIM ou NÃO e justifique sua resposta*". Nesse enunciado, o foco está nos adjuntos adverbiais ou adjuntos circunstanciais que acompanham os verbos *estar* e *ir*, considerados por muitas gramáticas e pela NGB termos acessórios: "São *termos acessórios*: a) *o adjunto ad-*

nominal; b) *o adjunto adverbial*; c) *o aposto*" (CUNHA, 1985, p. 145, grifo nosso). O objetivo é comprovar se os adjuntos adverbiais são imprescindíveis, ou não, nas orações, cujos verbos *estar* ou *ir* estão presentes. É interessante propor que as orações exemplificadas não estão sendo avaliadas, rigorosamente, através de um índice de erros ou de acertos, mas vistas por questões de bom senso e coerência em relação à comunicação da língua portuguesa.

O segundo enunciado é: "*2) Classifique os verbos destacados, sintaticamente, e justifique sua resposta*". Como pode-se ver, o que se destaca são os verbos *estar* e *ir*, que, de certa forma, estão ligados aos adjuntos adverbiais ou circunstanciais. Os verbos estão destacados para que os estudantes possam classificá-los, sintaticamente, de acordo com seus conhecimentos adquiridos até então. A intenção é provar, através dos exemplos, se esses verbos são realmente intransitivos e se necessitam ou não de complementos.

Assim, será constatada a presença ou a ausência de dúvidas, encontradas nos alunos, e a capacidade de as gramáticas, juntamente com a NGB, conseguirem ou não abranger e apresentar os diversos questionamentos, que podem existir sobre o tema pesquisado, acarretando dificuldades no processo ensino/aprendizagem.

3.1. Apresentação dos resultados

Foi escolhida a forma de tabelas e gráficos para que as respostas fiquem mais evidentes, objetivas e fáceis de serem interpretadas, facilitando a visualização e a compreensão dos resultados encontrados.

A tabela sintetizará o resultado, tanto do ensino médio quanto do ensino fundamental. Os resultados esquematizarão respostas válidas e incoerentes.

Os gráficos apresentarão apenas as respostas válidas, mostrando se estão corretas ou não.

No Enunciado 1, o gráfico sintetizará as respostas, suas legendas serão "sim" para as orações que necessitam de complemento e "não" para aquelas que não estão completas, mostrando além da quantidade, a porcentagem. Na tabela do Enunciado 1, será vista a quantidade de alunos que justificaram de forma condizente com a alternativa escolhida, ou seja, independentemente de estarem corretas, as justificativas foram coe-

rentes. Para resumir, será mostrada além da quantidade de respostas coerentes, as respostas consideradas inválidas, isto é, aquelas em que os alunos não souberam responder coerentemente.

Os gráficos do Enunciado 2 serão representados por "acertos" e "erros". O primeiro – "acertos" será exposto o número de discentes que classificaram condizente com as gramáticas, ou seja, consideraram os verbos como intransitivos. O segundo determinará a quantidade de alunos que discriminaram *estar* e *ir*, em outro grupo de verbos. A tabela, como no Enunciado 1, mostrará também as respostas incoerentes.

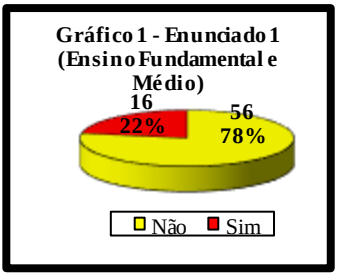
3.1.1. Enunciado 1: "Luis Eduardo esteve." e "Minha mãe vai."

Como já foi citado, a pergunta do primeiro enunciado é: "*1) A oração abaixo está completa? Marque SIM ou NÃO e justifique sua resposta*". As orações dessa pergunta foram apresentadas para que os alunos pudessem verificar se estão completas, ou seja, se elas precisam ou não de um termo que as complementem. O que constatará se esse termo é imprescindível na oração, isto é, se o adjunto adverbial ou circunstancial, nesta frase, é necessário para que a oração seja entendida inteiramente.

A tabela e o gráfico abaixo mostram uma síntese do resultado completo dessas orações. Na tabela, estão incluídas as 80 (oitenta) respostas, sendo 40 (quarenta) para cada frase. Já no gráfico são consideradas apenas 72 (setenta e duas) respostas, já que 8 (oito) são consideradas incoerentes, ou seja, inválidas:

Enunciado 1: "Luis Eduardo esteve.", "Minha mãe vai."

RESPOSTAS	Nº
Não (não estão completas)	56
Sim (estão completas)	16
Respostas incoerentes	8
TOTAL DE RESPOSTAS	80



Das 80 (oitenta) respostas, 8 (oito) foram incoerentes, o que não contou para o percentual total de respostas válidas. Então, conforme está no gráfico, das 72 (setenta e duas), apenas 16 (dezesseis – 22%) indicam que as orações do Enunciado 1 estão completas e 56 (cinquenta e seis – 78%) comprovam que as orações necessitam de um complemento para que seu sentido se torne completo e assim sejam compreendidas por qualquer falante da língua portuguesa.

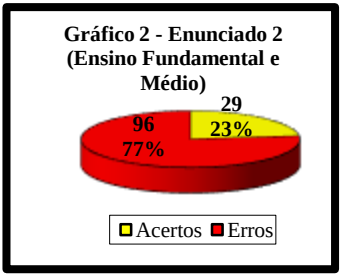
*3.1.2. Enunciado 2: "Paulo **estará** no exterior amanhã.", "Joana **foi** à casa da tia Maria.", "Eu **irei** ao cinema com João Felipe." e "Você **está** aqui?"*

O segundo enunciado apresenta a seguinte questão: "*2) Classifique os verbos destacados, sintaticamente, e justifique sua resposta*". Nas orações, são focalizadas a classificação dos verbos e a necessidade de complementos. Os "acertos" que constam na legenda do gráfico são a quantidade de alunos que classificaram os verbos como intransitivos, de acordo com a maior parte das gramáticas. Os "erros" são os que confundiram os verbos, encaixando-os em outro tipo de classificação como verbos transitivo, transitivo direto ou indireto entre outros.

A tabela e o gráfico mostrarão de forma mais exata e sintética os resultados:

Enunciado 2: "Paulo *estará* no exterior amanhã.", "Joana *foi* à casa da tia Maria.", "Eu *irei* ao cinema com João Felipe." e "Você *está* aqui?"

RESPOSTAS	Nº
"Acertos"	29
"Erros"	96
Respostas incoerentes	35
TOTAL DE RESPOSTAS	160



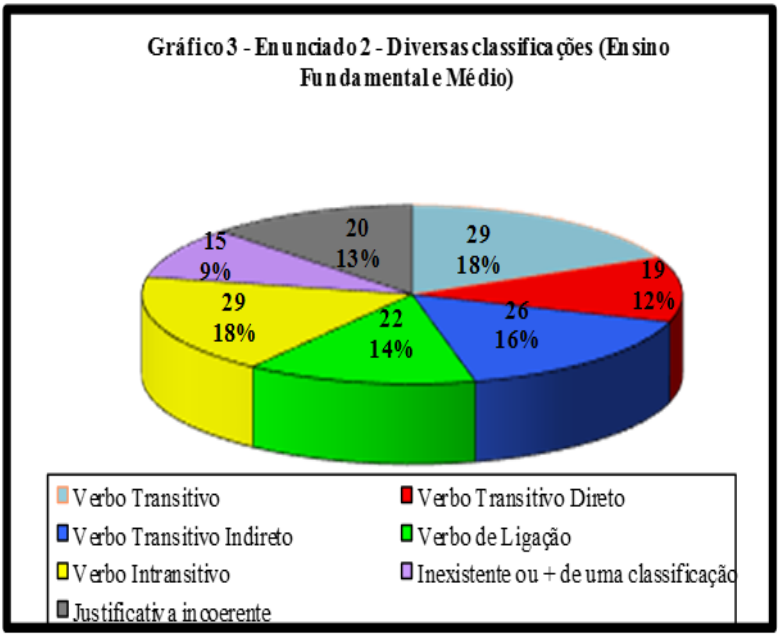
Na tabela, é apresentado o resultado das 160 (cento e sessenta) respostas. Observa-se que 35 (trinta e cinco) foram desconsideradas, pois não houve coerência, 96 (noventa e seis) representam "erros", isto é, os verbos das orações não foram classificados como intransitivo e apenas 29

(vinte e nove) mostram a classificação "correta" dos verbos em destaque nas orações desse enunciado. No gráfico, das questões consideradas válidas, ou seja, das 125 (cento e vinte e cinco) respostas, observa-se que 77% são erradas, os alunos colocaram outras classificações para os verbos *estar* e *ir* e 23% classificaram corretamente, consideraram os verbos como intransitivos.

No Enunciado 2, pode-se ver também, através do Gráfico 3, as diversas classificações feitas pelos alunos, julgadas erradas. Assim, verificar-se-á qual a possibilidade de eles se confundirem.

Como se pode ver, houve uma grande variedade de classificações. Essas 160 (cento e sessenta) respostas foram divididas em pequenos pedaços, com classificações diferenciadas. Somente 18% (dezoito por cento – vinte e nove alunos) responderam que os verbos são intransitivos (vinte e dois justificaram coerentemente e sete não justificaram).

Todos responderam às questões. Das 160 (cento e sessenta) respostas, 34 (trinta e quatro) estavam sem justificativas e o restante (cento e vinte e seis) havia justificativas.



O Gráfico 3 mostra também que 29 (vinte e nove questões – 18%) foram classificadas como verbo transitivo, o aluno não especificou se foi direto ou indireto. Vinte e seis (16%) estudantes consideraram os verbos pesquisados como transitivos indiretos, 15 (quinze alunos – 9%) colocaram classificações inexistentes ou mais de uma e 20 (vinte – 13%) justificaram de forma incoerente, ou seja, 35 (trinta e cinco) estudantes não souberam classificar os verbos destacados do Enunciado 2.

3.2. Análise dos dados colhidos

Nenhum aluno deixou de responder qualquer questão.

A maior parte dos discentes que participaram da pesquisa consideram que as duas questões do Enunciado 1 não estão completas.

Os resultados, em geral, comprovam que os alunos, tanto do Ensino Fundamental, como do Médio se equivocam ao classificar os verbos *estar* e *ir*. Alguns por não saberem dizer em qual grupo pertencem e nem justificar, outros por confundirem com outros tipos de verbos.

Muitos alunos acham que *estar* e *ir* são transitivos, já que os adjuntos adverbiais, nesse caso, complementam os verbos e precisam estar presentes para que a oração seja entendida perfeitamente. Outros classificam de forma mais completa, consideram-nos verbos transitivos diretos (VTD), pois há adjuntos adverbiais que não possuem preposição. Outros os classificam como verbos transitivos indiretos (VTI), já que a maior parte desses adjuntos, incluídos nessa situação, possui preposição. Outra parte dos discentes confunde com os verbos de ligação (VL). O verbo *ir*, no pretérito perfeito, pode ser confundido com o *ser*, que é de ligação, porque ambos possuem a mesma grafia, mas principalmente o *estar*, pois são homógrafos em todos os tempos verbais e é apenas o sentido que os torna diferente.

4. Considerações finais

Nesta pesquisa, torna-se verdade a tese que os verbos *estar* (quando não considerados de ligação) e *ir* necessitam de um complemento em uma oração, no qual é indispensável para a sua compreensão.

A pesquisa comprova que esses dois verbos, sozinhos, são considerados insuficientes e que a presença dos adjuntos adverbiais ou adjuntos circunstanciais, assim como Rocha Lima os denomina, é imprescindível na oração em que se encontram os verbos analisados.

Não há coerência na classificação que muitas gramáticas fazem desses verbos, como intransitivos, pois desde o momento em que exigem complemento, eles não podem se juntar aos "[...] verbos que apresentam significado lexical referentes a realidades bem concretas [e] não necessitam de outros signos léxicos [...]" (BECHARA, 2009, p. 415).

Então, a partir do momento que os verbos pesquisados passam a exigir uma *transitividade* ou a pedir um complemento, o adjunto adverbial, termo antes considerado acessório pela NGB e por muitas gramáticas, torna-se integrante, já que é indispensável na oração. Celso Cunha (1985, p. 135) é um dos gramáticos que colocam os complementos verbais no grupo dos termos integrantes e define-os: "Denominam-se *complementos verbais* as [palavras] que integram o sentido do verbo". Assim, os adjuntos adverbiais, quando completam o sentido dos verbos pesquisados, deveriam ser também considerados termos integrantes da oração.

Infelizmente, a NGB e muitas gramáticas apresentam deficiência, não conseguindo abranger e nem esclarecer esse quesito. Ambas não citam essa exceção, o que causa muitas dúvidas nos alunos e dificulta o processo ensino/aprendizagem, pois o educador não consegue explicar de forma que os alunos entendam perfeitamente. Muitos discentes, determinadas vezes, não analisam a frase corretamente e confundem-nos com os verbos de ligação, pois a grafia é a mesma. A maior parte deles não sabe classificá-los e confunde-os com verbos transitivos, "[...] que exigem certos termos para completar-lhes o significado [...]" (CUNHA, 1985, p. 132), já que *estar* e *ir* requerem um adjunto adverbial para que o sentido se torne completo.

Seria melhor chamar os verbos analisados (*estar* e *ir*), como Rocha Lima (2010, p. 416) os nomeia de "transitivos circunstanciais" e seus adjuntos adverbiais, os *termos acessórios*, de "complemento circunstancial" (LIMA, p. 299), incluindo os últimos no grupo dos complementos verbais, que são considerados por Rocha Lima (2010, p. 296) termos integrantes da oração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Emília et al. *Novas palavras*: português ensino médio. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6023*. Informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 10520*. Informação e documentação: citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de janeiro: Lucerna, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Português para o segundo grau*. 13. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA Francisco Marto. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1962.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Normas de apresentação tabular*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida:* explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 10. ed. Rio de Janeiro: Globo, p. 15-34, 2004.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. *Gramática:* teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 1989.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SACCONI, Luis Antônio. *Português bem mais fácil*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1974.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.

_____; NICOLA, José de. *Verbos*: guia prático de emprego e conjugação. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.